

## **ASPECTOS DO CAPITAL SOCIAL EM INICIATIVAS DE AGRICULTURA URBANA EM SÃO PAULO**

**LUÍZA COSTA CALDAS**  
EACH - USP

**TANIA PEREIRA CHRISTOPOULOS**  
EACH - USP

# ASPECTOS DO CAPITAL SOCIAL EM INICIATIVAS DE AGRICULTURA URBANA EM SÃO PAULO

## 1. INTRODUÇÃO

### 1.1 AGRICULTURA URBANA

No Brasil, cerca de 86% da população vive no meio urbano (ONU, 2015). O processo de urbanização acabou empurrando a produção de alimentos cada vez mais para fora dos limites periurbanos e para áreas rurais e vem modificando aspectos de sua produção e consumo ao longo do tempo. O aumento da demanda por alimentos e outros produtos por uma população cada vez maior e com maior acesso ao consumo é um cenário que levará a mudanças ambientais globais. Como agravante, as mudanças climáticas trazem incertezas como um maior risco de secas e enchentes em diferentes partes do mundo, afetando diretamente a agricultura, a produção de alimentos e as infraestruturas existentes. Por isso, torna-se necessário considerar estratégias para reduzir a dependência do sistema global de alimentos e diminuir a vulnerabilidade a perturbações (OLSSON et al., 2016).

Frente aos desafios apresentados, a Agricultura Urbana e Peri-urbana (AUP) tem um papel cada vez mais importante para aliviar a pressão gerada pelo sistema produtivo, sendo parte da solução de questões de segurança alimentar e de sustentabilidade. Sua prática e movimentos sociais urbanos relacionados aumentam a capacidade de resposta social e ecológica frente a grandes colapsos no sistema de abastecimento de alimento e, portanto, devem ser incorporados como elementos centrais do desenvolvimento urbano sustentável (BARTHEL; PARKER; ERNSTSON, 2015).

A agricultura urbana e periurbana (AUP) pode ser definida como o cultivo de plantas e a criação de animais dentro e ao redor das cidades (FAO, 2017). Sem entrar na discussão dos limites do meio urbano, pode-se dizer que o que diferencia esta agricultura é sua maior ligação com as dinâmicas da cidade. Outros fatores únicos têm a ver com o limitado acesso à terra, meios alternativos de cultivo e envolvimento de agricultores não tradicionais, por exemplo (PFEIFFER; SILVA; COLQUHOUN, 2014).

A prática da agricultura urbana tem benefícios sociais, econômicos e ecológicos reconhecidos (PEARSON et al., 2010) que são motivadores do engajamento em atividades. Dentre os benefícios estudados, podemos listar os de diminuir as disparidades no acesso à alimentação de qualidade, melhorar a saúde pública, reduzir os efeitos de ilhas de calor e consumo de energia, aumentar oportunidades de compostagem e captação de água da chuva, melhorar a drenagem de águas pluviais, aumentar a polinização e dispersão de sementes (PEARSON et al., 2010; ACKERMAN, 2011; BRANCO; ALCÂNTARA, 2011; BARTHEL; PARKER; ERNSTSON, 2015).

Para além desses benefícios, os aspectos sociais são importantes para compreender as dinâmicas do movimento, sendo possível observar a importância das redes sociais para a implantação e manutenção de práticas de agricultura urbana (ARTMANN e SARTISON 2018). As características dessas relações podem facilitar ou dificultar a mobilização para ações direcionadas (GLOVER, PARRY E SHINEW, 2005).

Na cidade de São Paulo, de acordo com Caldas e Jayo (2019), nota-se que existem duas modalidades básicas de agricultura, a “agricultura urbana de escala”, voltada à produção de alimentos e localizada em geral em regiões periféricas, e a “agricultura urbana de visibilidade”,

gerando consciência ambiental e dando visibilidade à agenda política da agricultura urbana, que se situa principalmente nas regiões centrais da cidade. Para cada modalidade de agricultura, esperam-se motivações e dificuldades diferentes.

Ao analisar a agricultura urbana como um fenômeno de mobilização de capitais com fluxos entre redes de confiança e necessidades de colaboração para gerar benefícios individuais e coletivos, nota-se que existe um potencial em olhar por uma lente teórica que capte as relações. Deste modo, este trabalho tem como objetivo investigar a agricultura urbana na cidade de São Paulo pela perspectiva do capital social, uma abordagem usada para tratar de um tipo de capital que é gerado pelas relações entre pessoas e grupos.

O objeto de pesquisa do artigo é o capital social presente em iniciativas de agricultura urbana situadas em diferentes regiões da cidade de São Paulo. Foram selecionadas cinco hortas nas quais foram aplicadas entrevistas semi-estruturadas que geraram dados para uma análise temática.

## 1.2 CAPITAL SOCIAL

Há diversas formas de abordar o capital social, mas, de forma geral, o termo é usado para tratar de um tipo de capital que é gerado pelas relações entre pessoas e grupos. A partir da década de 1990 o termo foi ganhando visibilidade e pesquisas começaram a ser desenvolvidas.

Para Coleman (1988), o capital social é uma ferramenta conceitual que busca explicar a ação social, unindo a perspectiva dos interesses individuais com a perspectiva do contexto social. Coleman descreve o termo como um recurso disponível para o ator, sendo, no entanto, menos tangível que outros tipos de capital. Segundo ele, o capital social “não é uma entidade única, mas uma variedade de entidades diferentes, com dois elementos em comum: todas elas consistem de algum aspecto das estruturas sociais e facilitam certas ações de atores - sejam pessoas ou atores corporativos - dentro da estrutura” (COLEMAN, 1988, p. 98). O capital social, desta forma, pode ser definido como aspectos da estrutura social que servem para os atores como recursos para alcançarem seus interesses.

Os próprios benefícios que resultam da participação num grupo, muitas vezes são a base da solidariedade que os torna possíveis (PORTES, 1998). As fontes de capital social seriam aquilo que faz com que os indivíduos coloquem seus recursos e benfeitorias à disposição de outros. Portes (1998) identifica dois grupos de fontes, que podem ser consumatórias ou instrumentais. Todas essas fontes facilitam o acesso dos membros de uma rede aos recursos. As consumatórias podem ser por meio da introjeção de valores, ou seja, ocorre a internalização de normas que são boas para todos como regras de trânsito, a obrigação de quitar débitos e a inibição de crimes. As instrumentais são trocas por reciprocidade, motivadas pelas expectativas de pagamentos e compensações futuras.

Uma outra explicação que se enquadraria como fonte consumatória seria o conceito de solidariedade que surge da análise de Marx sobre a emergência da consciência de classe. Essa solidariedade vem do reconhecimento de um destino comum e leva membros dos mesmos grupos a apoiarem iniciativas de outros membros, motivados pela identificação com seu grupo e estaria limitada a ele. Solidariedade delimitada (bounded solidarity) é o termo usado na literatura recente. A identificação com o próprio grupo, comunidade ou seita seria a força motivacional geradora de capital social (PORTES, 1998).

O capital social, tratado anteriormente, é um recurso que existe pelas relações sociais. Os autores que tratam do conceito enxergam as redes sociais como a estrutura do capital social,

como um fator que colabora para sua geração de acordo com suas características ou como uma forma de capital social por gerar confiança. As redes sociais, portanto, estão intrinsecamente relacionadas ao capital social. Parte do conceito de capital social envolve as condições das relações entre as pessoas que permitem que recursos sejam acessados e mobilizados para ações (LIN, 1999).

A densidade de uma rede influencia a exposição a ideias e informações, que é afetada pelos canais de informações existentes. Maiores densidades na rede podem reduzir o custo de aquisição de informação (COLEMAN, 1988). Isso significa que as relações sociais podem ser uma forma de obter informações de forma mais rápida e menos custosa.

Assim, as redes são importantes, pois sua formação e estrutura afetam a geração, aquisição e difusão de informação, mobilização e alocação de recursos, comprometimento com regras comuns, resolução de conflitos (BODIN; CRONA, 2009; BARNES et al., 2016) e têm efeitos para a aprendizagem, para a confiança e para a liderança (BODIN; CRONA; ERNSTSON, 2006).

Outro autor, Robert Putnam, trata da ação coletiva, vendo o capital social como característica de comunidades e nações. Putnam et al. (1993) demonstra a influência das relações para o engajamento cívico. Um dos efeitos do capital social, por esse ponto de vista, seria favorecer a cidadania e o engajamento.

Por último, também é destacado o papel do capital social no desenvolvimento de habilidades dos indivíduos, ou seja, este capital pode se converter em capital humano (COLEMAN, 1988).

Além do olhar sobre suas vantagens, há que se considerar os desafios e os aspectos negativos deste tipo de capital. Portes (1998) aponta para os efeitos negativos do capital social, que podem levar à exclusão de pessoas de fora dos grupos a certos recursos e espaços, pode gerar créditos excessivos para membros do mesmo grupo, e levar também a restrições às liberdades individuais. O conceito de homofilia é utilizado por muitos autores para tratar a questão. Trata-se da tendência em formar laços sociais mais fortes com semelhantes, o que em determinado nível pode levar à segregação e inibir o aprendizado e comunicação entre grupos (BARNES et al, 2016).

## **2. OBJETIVOS**

O objetivo geral é compreender o papel do capital social nas iniciativas de Agricultura Urbana na cidade de São Paulo. Como objetivos específicos temos: (1) Identificar aspectos do capital social presentes nas iniciativas (fontes, efeitos e desafios) e (2) compreender a importância do capital social para suprir necessidades, alcançar objetivos e superar dificuldades.

## **3. METODOLOGIA**

A pesquisa de natureza qualitativa (GIL, 1999) consiste em uma análise temática a partir de dados gerados em entrevistas semi-estruturadas. A análise temática envolve a identificação de temas importantes pela leitura e releitura dos dados. Foi incorporada a abordagem indutiva e dedutiva de codificação para a interpretação dos dados (FEREDEY; MUIR-COCHRANE, 2006) e a análise foi organizada com base na estrutura utilizada em Corley e Gioia (2004).

### **3.1 COLETA DE DADOS**

Os dados foram coletados a partir de entrevistas semi-estruturadas (LAVILLE; DIONNE,

1999) aplicadas em representantes das iniciativas. As entrevistas são importantes para o caso deste estudo, pois o capital social é algo que não pode ser observado diretamente. Além disso, a entrevista permite ao pesquisador um maior controle da linha de questionamento (CRESWELL, 2007). Segundo Gil (1999), elas permitem maior abrangência, além de permitir maior número de respostas se comparada aos questionários, maior flexibilidade e possibilita que o entrevistador capte outros tipos de comunicação não verbal. As entrevistas semi-estruturadas se baseiam em um roteiro apoiado no quadro teórico e nos objetivos da pesquisa, mas a forma, a estrutura das perguntas e a ordem das questões podem variar de acordo com as características de cada entrevistado (LAVILLE; DIONNE, 1999).

Desta forma, foi solicitado aos representantes que falassem em nome da iniciativa, para os casos em que há um grupo envolvido no trabalho. As entrevistas envolviam questões sobre: objetivos e dificuldades das iniciativas, a participação em grupos, contato com outras iniciativas e o fluxo de informações e de recursos. Na Tabela 1, temos as iniciativas selecionadas.

**Tabela 1** - Iniciativas de agricultura urbana selecionadas para as entrevistas.

| <b>Iniciativa</b>                             | <b>Localização</b>             | <b>Número de pessoas envolvidas</b> | <b>Categoria</b> | <b>Fim</b>    | <b>Ano da implementação</b> |
|---|--------------------------------|-------------------------------------|------------------|---------------|-----------------------------|
| Horta da Saúde                                | Saúde, Zona Sul                | ~55                                 | Visibilidade     | Não comercial | 2013                        |
| Horta da FMUSP                                | Cerqueira César, Centro        | 20                                  | Visibilidade     | Não comercial | 2013                        |
| É Hora da Horta                               | Casa Verde, Zona Norte         | 1                                   | Escala           | Comercial     | 2015                        |
| GAU - Mulheres do Grupo de Agricultura Urbana | União de Vila Nova, Zona Leste | 9                                   | Escala           | Comercial     | 2009                        |
| Horta da UNIFESP                              | Vila Clementino, Zona Sul      | 7                                   | Visibilidade     | Não comercial | 2018                        |

### 3.2 ANÁLISE DE DADOS

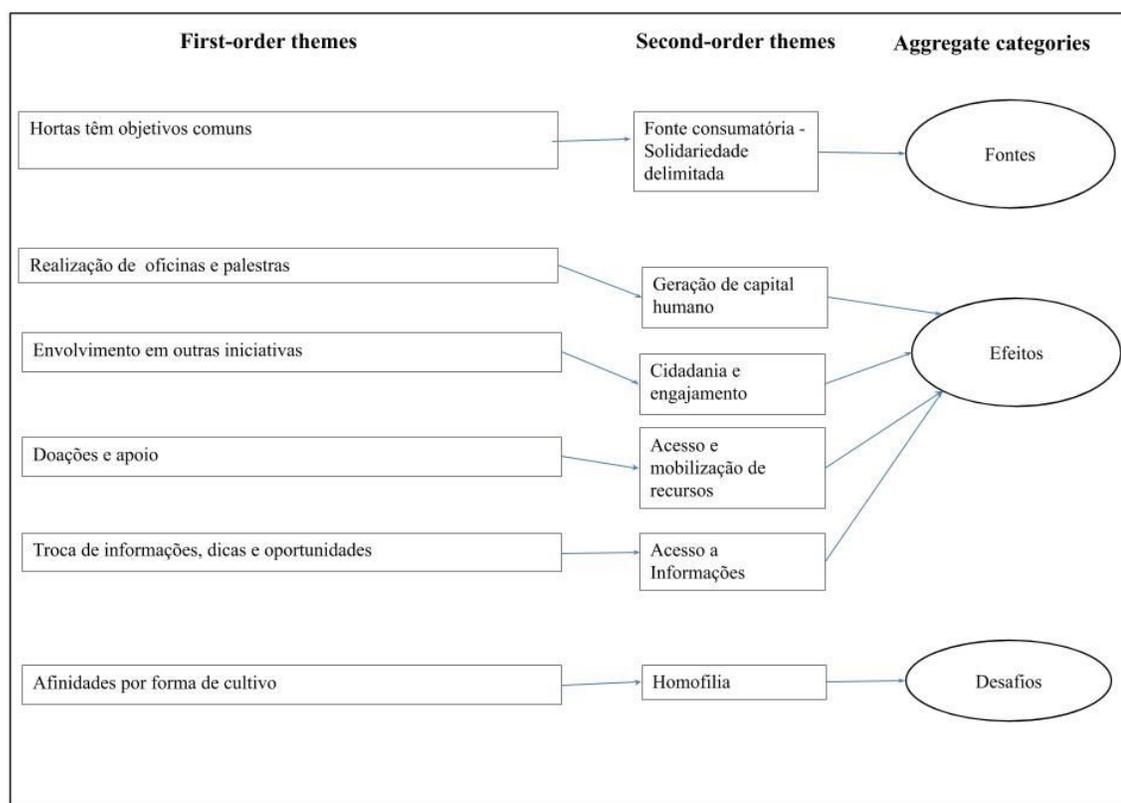
Os dados foram analisados com base na abordagem indutiva utilizada em Corley e Gioia (2004) inicialmente a partir da transcrição das entrevistas e do agrupamento pela identificação inicial de conceitos, ou temas de primeira ordem. Depois foram investigadas as relações aplicando-se codificação axial para interrelacioná-los em temas, os temas de segunda ordem. Por fim, os temas similares foram agrupados, então, em dimensões que são base da estrutura emergente. Assim foi gerada a estrutura que será apresentada a seguir nos resultados.

## 4. RESULTADOS

### 4.1 ASPECTOS DO CAPITAL SOCIAL

Os aspectos do capital social foram reconhecidos e observados em todas as entrevistas realizadas. Eles foram organizados em fontes, efeitos e desafios que constituíram as categorias agregadas da análise desenvolvida. A primeira trata das fontes consumatórias que geram capital social. A segunda, trata dos seguintes efeitos do capital social mencionados no referencial teórico: geração de capital humano, cidadania e engajamento, acesso e mobilização de recursos e acesso a informações. Já a terceira trata dos desafios relacionados ao efeito da homofilia. Como resultado preliminar, é apresentada aqui na Figura 1 a estrutura emergente na qual outros temas de primeira ordem serão agregados futuramente.

**Figura 1** - Estrutura emergente da análise indutiva.



#### 4.1.1 Fontes

As iniciativas de hortas urbanas, em geral, possuem características e objetivos comuns. Esse tema de primeira ordem foi identificado explicitamente em quatro das cinco entrevistas. No caso, percebeu-se que algumas ações são reconhecidas como parte de um grupo de “agricultura urbana” e isto é um fator importante para que os indivíduos aceitem doar seu tempo e disponibilizarem recursos para apoiá-las. Isso está de acordo com o conceito apresentado de solidariedade delimitada como fonte consumatória de capital social, em que a identificação com

um grupo é um importante motivador de compartilhamento de recursos (PORTES,1998). As citações a seguir ilustram este achado.

O contato com outras hortas é importante para as pessoas se encontrarem. Todas têm um objetivo comum, e uma ajuda a outra. (...) A maioria quer fazer uma horta saudável, sem aditivos, rica em ferro, rico em nutrientes, essas coisas.(...) Não adianta nós sermos bem-sucedidos enquanto outros projetos ambientais , outras hortas urbanas fiquem perecendo, a gente tem que caminhar junto.” (Sônia Mafra, Horta da Saúde).

O que existe em comum são as trocas (...). Isso existia no passado, as pessoas trocavam galinha, trocavam leite, queijo, a preparação do terreno, mutirão, que é trocar serviço. Hoje a gente não encontra sementes de milho sem ser transgênico, porque ao longo do tempo essas trocas de semente e de conhecimento foram se perdendo. As hortas urbanas permitem esse viver rural, então você pode adaptar para o meio urbano, você pode trocar roupa, tá sobrando capuchinha na nossa horta, então a gente pode doar para outro pessoa que depois vai doar pra gente. Essas trocas são permitidas e são o diferencial das hortas. (Paulo Sérgio Zembruska, Horta da FMUSP)

Nesse grupo de agricultura urbana a maioria das pessoas estão se conscientizando que precisamos mudar esse modo de vida para uma alimentação mais saudável, aprender a tem consciência do uso da água, da terra. Acho que é um pessoal bem entrosado, bem ativo, que participa mesmo e faz as coisas direito, o que tem que ser feito. O que é comum: a vontade de produzir o próprio alimento, um alimento saudável, de construir um planeta melhor e de incentivar as pessoas a praticar a agricultura e mostrar que o consumo de industrializados não é o adequado pra nós, que muita coisa tem que ser mudada. Isso é uma coisa que todo mundo tem em comum, dar assistência ao pequeno produtor, à agricultura familiar. (Rita Cavaliere, É Hora da Horta).

O que há em comum? O trabalho junto com a comunidade. Nada impede que qualquer morador chegue aqui e a gente doe, a gente tem aqui as ervas medicinais, por exemplo. (...) A gente vê que há um incentivo (entre as iniciativas). (Aldineia Pereira, GAU).

Nos trechos apresentados acima, foram mencionadas as trocas, a ajuda mútua e o incentivo entre iniciativas atrelados ao questionamento e reconhecimento do que é comum. Essa relação demonstrada permite que esses elementos em conjunto sejam analisados como fontes de capital social. Interessante ressaltar que em um dos trechos é empregado o termo “nesse grupo de agricultura urbana” o que evidencia o reconhecimento dessa identidade.

#### **4.1.2 Efeitos**

Como efeitos do capital social, surgiram temas relacionados à geração de capital humano, à promoção de cidadania e engajamento, ao acesso e mobilização de recursos e ao acesso a informações. Estes temas foram identificados como efeitos da participação dos indivíduos em atividades relacionadas à horta em conjunto com outras pessoas e, portanto, se enquadram nesta categoria como resultado positivo da existência de capital social, ou da rede de relações. Todos

os representantes das iniciativas relataram participar de outros grupos e coletivos, além de participarem ativamente das atividades internas.

O contato com outras pessoas e as relações que se formam a partir das práticas de agricultura urbana favorecem o desenvolvimento de habilidades para os indivíduos envolvidos. As hortas da FMUSP e da UNIFESP surgem com objetivos relacionados à educação, portanto este capital humano não é atribuído exclusivamente às relações decorrentes das atividades da horta. No entanto, surgiram evidências nas hortas da Saúde e É Hora da Horta, em que acontecem atividades como oficinas e palestras como pode-se observar nos trechos a seguir.

Quando tem mutirão a gente convida alguém para falar de um determinado assunto: comunicação não-violenta, abelha sem ferrão todas essas coisas. Acho que cada um sabe um pouco e ajuda a gente a ir conhecendo (as técnicas). Teve gente que já veio ensinar sobre abelha, o Gerson, um sobre agrofloresta, o Diego veio também. Tem o das uvas, outro que também trabalha com as parreiras. Isso acontece principalmente nos mutirões em que tem as oficinas específicas. (Sônia Mafra, Horta da Saúde).

Eu quero que aqui seja um espaço mais cultural do que comercial. As pessoas que vêm aqui já sabem. Pessoal vem pra aprender, pra pegar livro... Às vezes faço oficina de adubo orgânico, de identificação e culinária PANC. Já fiz dia de desenho, dia de artesanato na horta pra dar uma descontraída também. (Rita Cavaliere, É Hora da Horta).

Na entrevista realizada na Horta da Saúde, uma horta comunitária, apareceu bastante o tema da cidadania e engajamento. Para os participantes da horta, a atividade despertou o interesse em se engajar em outros coletivos e participar mais ativamente das questões da cidade. O apoio do grupo, o fato da mobilização ser coletiva é bastante relevante para a mudança, como pode ser observado a seguir.

A horta serve como estopim, as pessoas começam e frequentar a horta e depois se envolvem em outras iniciativas. Tem eleição na subprefeitura, o pessoal vai, tem eleição nas escolas o pessoal costuma ir, o pessoal bastante engajado. Tem gente que nem sabia o que que eram as coisas e começam a ver que é importante, começa a participar. Tem gente que nem sabia que existia subprefeitura. O objetivo maior é mostrar que a gente participando dessas coisas pequenas consegue coisas maiores. Cidadania, né. Que a gente não tem que ficar esperando ninguém para fazer as coisas. (Sônia Mafra, Horta da Saúde).

Toda a ação que a gente faz tanto na horta, no cades na agenda 2030 é baseada na agenda 2030 que tem os ODS e tal. E a gente tá tentando implementar no IB. Eu sou conselheira gestora do parque modernista, eu só fui eleita porque todo mundo da horta foi lá votar em mim. Então assim, tem essa mobilização. (Joane Hansen, Horta da Saúde).

Os grandes indícios do capital social favorecer a mobilização de recursos encontrados nas entrevistas surgiram com menções a doações realizadas para as iniciativas e pelo apoio oferecido por pessoas tanto de dentro como de fora. A Horta da Saúde mencionou acesso a recursos tangíveis em doações dos membros e visitantes e a Horta da FMUSP e É Hora da Horta mencionaram recursos intangíveis.

Tudo que a gente tem é de doação de quem frequenta, quem vem passear aqui também traz algumas coisas, as caixinhas de abelha também o Gerson que fez. A gente recebe doação, ferramenta não é problema e quando tem plantio as pessoas trazem também. (Sônia Mafra, Horta da Saúde).

(Participando dessa rede) você acaba também sendo um disseminador de informações, essa parceria que a gente faz com restaurantes, com prefeituras, com órgãos de pesquisa como a EMBRAPA que a gente recebe muda e doa muda, indo nos lugares que a gente participa de outras hortas, outras feiras. (Paulo Sérgio Zembruska, Horta da FMUSP)

Eu dou força pra todo mundo que vem pra cá e precisa de instrução, dicas. Vou nos eventos, nos encontros, festivais. (Rita Cavaliere, É Hora da Horta).

Por fim, um grande efeito das redes sociais formadas é o acesso facilitado à informação. Pode-se perceber que as informações fluem facilmente em laços que existem em decorrência das atividades relacionadas à agricultura urbana. Foram encontradas falas nas entrevistas da Horta da FMUSP, em É Hora da Horta e também na Horta da UNIFESP em que informações sobre projetos e oportunidades surgiram em função da “linha de pesquisa” como mencionado pela entrevistada professora Luciana Tomita.

Você vai criando redes, você vai na feira e encontra aquela pessoa lá que fala uma coisa, você é de tal horta, eu li em tal lugar que tem tal coisa, às vezes você não precisa nem procurar, a informação chega até você desde que você esteja no momento certo no lugar correto. (Paulo Sérgio Zembruska, Horta da FMUSP).

(Fico sabendo de muita coisa) através das oficinas e desse grupo de agricultura urbana, os clientes que vêm no Globo Repórter no dia seguinte vem aqui pra perguntar se eu vi. Fico sabendo sobre tudo, sobre cultivo, e troca de sementes também, considero importantíssimo. Quando tem evento a gente fica até mais tarde só trocando informação. O que mais acontece aqui, fora a venda, é a troca de informações. Quando eu participo de algum evento fora não existe assunto diferente, é só terra, semente, muda, é só isso. (Rita Cavaliere, É Hora da Horta).

Vou citar um exemplo, no Congresso de Agroecologia tinham 5 mil pessoas e você andando com a camiseta da horta acaba mostrando, você participa de um painel, de uma palestra ou discussão e todos ficam sabendo. Por isso que eu digo para todo projeto: arruma um tempo, alguém que não gosta muito de mexer na terra pode ajudar divulgando e postando sobre a horta. As pessoas te conhecendo acaba tendo indicação de onde podem vir recursos. Um vai falando pro outro, coloca no grupo do zap, no grupo do facebook, tem um edital, interessa pra vocês. A gente recebe sugestão de pessoas que estão no Rio Grande do Norte. Essa rede é importante, você vai criando ligações e todo mundo se ajuda mutuamente. (Paulo Sérgio Zembruska, Horta da FMUSP).

#### **4.1.3 Desafios**

Neste artigo foi trazida a questão da homofilia como desafio resultante do capital social. Um grupo muito coeso pode trazer questões como a inibição do aprendizado decorrente da falta de contato com outros grupos diferentes, homogeneização das informações e restrição a determinados recursos e espaços a pessoas de fora do grupo. Este assunto foi reconhecido nas entrevistas de maneira indireta, pois quando foram feitas perguntas sobre possíveis divergências entre praticantes de agricultura urbana, ou foram reconhecidas como inexistentes, ou foram citadas divergências nas preferências de formas de cultivo. O primeiro resultado pode indicar que os grupos estejam apenas se relacionando com iniciativas com alguma afinidade e o segundo também demonstra isso de forma diferente.

O trecho a seguir indica a maior coesão da rede de relações do grupo entrevistado.

Esse pessoal está sempre presente em vários coletivos, eventos, então a gente se cruza assim. É um mundo pequeno, é estranho até, você vai no Verdejando (festival de sustentabilidade) e tá todo mundo lá, no lançamento do livro do colega da Ana Primavesi na Água Branca e tinha um monte de gente, vai no Ibirapuera fazer curso de horta e tá todo mundo lá. (Sônia Mafra, Horta da Saúde).

Em outra entrevista surgem tanto evidências desta coesão, interação e alinhamento de visões.

Na verdade o que se vê nesses grupos de agricultura urbana é que eles estão muito sintonizadas. As divergências que tem são com as pessoas que não estão engajadas com isso. Quem está envolvido está super disposto mesmo em fazer o trabalho. Existe dificuldade pra todo mundo, mas esse contato de agricultura em São Paulo é tão grande que todo mundo ajuda todo mundo. A FMUSP por exemplo se precisar eu mando muda, ou vou lá e busco muda. (Rita Cavaliere, É Hora da Horta).

O trecho a seguir demonstra falta de relações entre grupos diferentes, mencionados como “pessoas de diversas áreas” e um preconceito com a Agricultura Urbana.

Outro desafio é que outras pessoas de diversas áreas passem a olhar sem preconceito e entender que podem contribuir com ela, com conhecimento, ajudando a divulgar, todos podem ajudar a agricultura urbana. (Paulo Sérgio Zembruska, Horta da FMUSP).

No entanto, há um reconhecimento de que isto seja uma limitação para a mudança de cultura em relação à valorização da produção de alimentos orgânicos e saudáveis por meio da agricultura urbana.

As radicalidades e o shiitismos é que fazem com que tenham separações. Por exemplo: não gosto que plantem dentro do plástico. Se não for assim, fica inviável. Então você precisa abrir mão das radicalidades para poder avançar. Se você diz: não é pra plantar alface em horta urbana, então aquelas pessoas que teriam interessantes em ir pra horta pra colher alface e experimentar alface orgânico já não vão. Essas limitações desagrupam, afastam as pessoas e não contribuem nada para mudar a cultura. (Paulo Sérgio Zembruska, Horta da FMUSP).

## 5. CONCLUSÃO

Nesta análise foi possível identificar facilmente aspectos do capital social em todas as iniciativas entrevistadas. Estes aspectos foram reconhecidos e analisados na estrutura das fontes, efeitos e desafios. Foi gerada essa estrutura inicial na qual serão incluídos mais temas de primeira ordem com o avanço da pesquisa.

A identificação com a atividade, a afinidade entre grupos, a disponibilização de recursos, a motivação dos atores e a troca de conhecimentos e informações foram alguns destaques do resultado da investigação. O reconhecimento dos aspectos nas entrevistas realizadas mostram que o capital social é percebido pelos membros das iniciativas, assim como seus efeitos positivos e negativos.

No entanto, é necessário ir além, buscando compreender a relação destes aspectos levantados com os objetivos de cada iniciativa e com as dificuldades enfrentadas. Ademais, seria interessante investigar as particularidades e elementos comuns dentro das duas modalidades apresentadas, a agricultura urbana de escala e a agricultura urbana de visibilidade.

## REFERÊNCIAS

ACKERMAN, K. **The potential for urban agriculture in New York City: Growing capacity, food security, and green infrastructure.** New York: Urban Design Lab, Earth Institute, Columbia University. 2011.

ARRAES, N. M.; CARVALHO, Y. C. AGRICULTURA URBANA E AGRICULTURA FAMILIAR: interfaces conceituais e práticas. **Informações Econômicas**, SP, v. 45, n. 6, 2015. Disponível em: <http://www.iea.sp.gov.br/ftp/iea/publicacoes/ie/2015/tec2-1215.pdf>. Acesso em: 10 jun 2019.

ARTMANN, M.; SARTISON, K. The Role of Urban Agriculture as a Nature-Based Solution: A Review for Developing a Systemic Assessment Framework. **Sustainability**, v. 10, n. 6, p. 1937, 2018.

BARNES, M. L. et al. Social networks and environmental outcomes. **PNAS**, v. 113, n. 23, p.6466- 6471, 2016.

BARTHEL, S.; PARKER, J.; ERNSTSON, H. Food and Green Space in Cities: A Resilience Lens on Gardens and Urban Environmental Movements. **Urban Studies**, v.52, n.7, p 1321–1338, 2015.

BODIN, Ö.; CRONA, B.I. The role of social networks in natural resource governance: What relational patterns make a difference? **Global Environmental Change** v. 19, p. 366–374, 2009.

BODIN, Ö.; B. CRONA; ERNSTSON, H. 2006. Social networks in natural resource management: What is there to learn from a structural perspective? **Ecology and Society**, v. 11, n.2, 2006.

BRANCO, M. C.; ALCÂNTARA, F. Hortas urbanas e periurbanas: o que nos diz a literatura brasileira?. **Horticultura Brasileira**, v. 29, n. 3, p. 421-428, 2011.

CALDAS, E. L.; JAYO, M. Agriculturas urbanas em São Paulo: histórico e tipologia. *Confins: revue franco-brésilienne de géographie/revista franco-brasileira de geografia*, Marseille, v. 39, p. 01-11, 2019.

COLEMAN, J. S. Social Capital in the Creation of Human Capital. *The American Journal of Sociology*, v. 94, p. S95-S120, 1988.

CORLEY, K. G.; GIOIA, D. A. Identity ambiguity and change in the wake of a corporate spin-off. *Administrative Science Quarterly*, v. 49, p. 173-208. 2004

CRESWELL, J. W. **Qualitative inquiry & research design**: Choosing among five approaches. 2a ed. Thousand Oaks, CA: Sage. 2007.

FAO. Urban Agriculture. 2017. Online. Disponível em:  
<<http://www.fao.org/urban-agriculture/en/>>. Acesso em: 10 mai. 2017.

Fereday, J.; Muir-Cochrane, E. Demonstrating Rigor Using Thematic Analysis: A Hybrid Approach of Inductive and Deductive Coding and Theme Development. *International Journal of Qualitative Methods*, v. 5, p. 80-92, 2006.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GLOVER T. D; PARRY, D. C.; SHINEW, K. J. Building Relationships, Accessing Resources: Mobilizing Social Capital in Community Garden Contexts. *Journal of Leisure Research*, v.37, n.4, p.450-474, 2005.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

LIN, N. Building a network theory of social capital. *Connections*, v. 22, n.1, p. 28-51, 1999.

NEMOTO, E. H.; BIAZOTI, A. R. Urban agriculture: How bottom-up initiatives are impacting space and policies in São Paulo. *Future of Food: Journal on Food, Agriculture and Society*, v.5, n.3, p. 21-34, 2017.

OLSSON, E. G. A. et al. Peri-urban food production and its relation to urban resilience, *Sustainability*, v. 8, n.12, p.1340, 2016.

ONU. **World Population Prospects**: The 2015 Revision. Estados Unidos, United Nations Department of Economic and Social Affairs, Population Division, 2015. 20 p. Online. Disponível em:<<https://www.un.org/en/development/desa/publications/world-population-prospects-2015-revision.html>> . Acesso em: 10 mai. 2017.

PEARSON, L. J.; PEARSON, L. e PEARSON, C. J. Sustainable urban agriculture: stocktake and opportunities, **International Journal of Agricultural Sustainability**, v. 8, 1-2, p. 7-19, 2010.

PFEIFFER, A; SILVA, E.; COLQUHOUN, J. Innovation in urban agricultural practices: Responding to diverse production environments. **Renewable Agriculture and Food Systems**, v. 30, n.1, p. 79–91, 2014.

PORTES, A. Social Capital: Its Origins and Applications in Modern Sociology. **Annual Review of Sociology**, v. 24, p.1-24, 1998.

PUTNAM, R. D. et al. **Making democracy work**: civic traditions in modern Italy. Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1993.